

Entrevista a Gisela Monteiro

Investigadora na Divisão de Gestão Cemiterial
da Câmara Municipal de Lisboa

Contactos:

@mort.safe (*Instagram*)

@MortSafe (*Facebook*)

Entrevista feita pela Equipa Editorial:

Martina Altalef (CEComp)

M. Francisca B. B. de Alvarenga (CEComp)

Telma Carvalho (CEComp)

Ana Anselmo Davies (NOVA-FCSH)

Clara Samwell Diniz (U. Lisboa)

Inês Hortas Marques (FLUL)

Patrícia Sá (CEComp | CEAUL)

Alexis F. Viegas (CEComp)

DOI: 10.51427/com.est.2024.03.02.0010



© 2024 Autor(es) | The Author(s).

[Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC-BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

1. Os cemitérios são lugares em que os vivos e os mortos convivem mais de perto, pelo menos na sociedade contemporânea e para um público generalizado. Como encara esta relação e que diferenças mais substanciais notou (se alguma) nesta relação nos últimos anos, especialmente tendo em conta grandes eventos que envolvem morte (por exemplo, a pandemia)?¹

O papel dos mortos — e dos espaços dos mortos — na nossa sociedade vai mudando ao longo dos tempos. Na Europa como um todo, a vivência do luto e da importância dos rituais fúnebres diminuiu muito depois da Grande Guerra (1914–1918), especialmente devido à mortandade que ocorreu. Todo o processo de luto, pesado, complexo e demorado foi aliviado e simplificado, mas continuavam a existir tabelas de tipologia de luto nos livros de etiqueta, incluindo em Portugal. Essa intensidade foi sendo perdida no final do século XX, talvez até com o crescimento da cremação. No caso da inumação, sendo temporária, implica a exumação da ossadas e segundas exéquias, com a colocação dos restos mortais num ossário, por exemplo. Se o corpo for cremado, temos apenas um momento fúnebre e, dependendo do destino das cinzas, pode até deixar de haver um local para culto. Se virmos imagens do século XX, a quantidade de gente que visitava cemitérios por altura dos Finados era muito superior ao que vemos hoje, mas como referi, a taxa de cremação continua a crescer e a ausência de sepultura faz com que não haja um local específico para ir colocar flores e limpar as pedras. É menos necessário ir ao cemitério. E isso vê-se quando se anda pelas ruas dos cemitérios, nas sepulturas menos cuidadas, na ausência de flores, nos jazigos com pedras sujas e abandonados. Ao mesmo tempo temos mais turistas, mais visitantes a fotografar o património, a procurar mapas e livros sobre os cemitérios.

¹ O texto segue o Acordo Ortográfico de 1945.

São mudanças de mentalidade: vamos ver no que vai resultar.

2. Quais as práticas actuais para a conservação histórica e divulgação do património cemiterial?

Existe um reconhecimento e uma preocupação com o património cemiterial a nível internacional que também se sente em Portugal. Desde 2010 que os Itinerários Culturais do Concelho da Europa incluem a Rota Europeia dos Cemitérios, gerida pela *Association of Significant Cemeteries of Europe* (ASCE), que procura proteger, divulgar e promover os cemitérios europeus mais importantes enquanto espaços de cultura, arte, história e lazer.

Em Portugal temos, actualmente, cinco cemitérios classificados pela ASCE: o Cemitério de Agramonte, o Cemitério do Prado do Repouso e o Cemitérios da Lapa na cidade do Porto e o Cemitério do Alto de São João e o Cemitério dos Prazeres em Lisboa. Fazem-se exposições, publicações, concertos e, claro, visitas guiadas, sempre com o cuidado e a dignidade que estes espaços exigem porque estes são, em primeiro lugar, o espaço de enterramento ou cremação dos entes queridos de alguém.

Existem diversas iniciativas que contribuem para a preservação e salvaguarda deste património e que passam pela execução de obras de recuperação e restauração de monumentos de destaque, mas também por outros caminhos. Por exemplo, em Lisboa foi criado um programa de voluntariado para a realização de um levantamento fotográfico dos mais de 15.000 jazigos particulares que existem nos cemitérios de Lisboa, faz-se a publicação semestral do *Boletim dos Cemitérios de Lisboa* com artigos e notícias, realiza-se anualmente a *Semana Cultural nos Cemitérios* (que tem tido a participação de vários outros municípios como Setúbal, Loures ou Vila Franca de Xira) e dezenas de visitas guiadas por

ano, das mais diversas temáticas.

3. Quais as descobertas/curiosidades mais inusitadas com que se deparou nas suas visitas aos cemitérios para fins científicos?

Da minha experiência, cada jazigo tem uma história própria, que começa quando alguém decide que quer ter um jazigo e que passa por todas as etapas, das escolhas estéticas e simbólicas, à selecção do local e do canteiro a quem é atribuída a obra e a todos os ocupantes do jazigo (os que ficam e os que só passam). As histórias que tenho encontrado têm sempre pontos curiosos e específicos que contribuem para a história do cemitério como um todo. São histórias de pessoas reais, comuns, como aquelas com que nos cruzamos hoje na rua e que tinham pequenos negócios, que gostavam de jantar com amigos a quem cediam uma prateleira no jazigo, que perdiam filhos e choravam os pais. Gente que foi esquecida, mas que nos cabe a nós, que estudamos cemitérios, ajudar a recuperar e partilhar com quem cá está e com quem vem a seguir. Por exemplo, no Cemitério do Alto de São João, existe um jazigo neo-gótico belíssimo construído por uma mulher para o seu marido e os três filhos adultos que morreram no espaço de um ano. Vinte anos depois, quando ela morreu, Lisboa ficou chocada pois, ao abrirem o jazigo, descobriram muitos dos pertences deles, incluindo armas de fogo, roupas e obras de arte que para aí tinham sido levados por ela. Todo o evento foi descrito em grande detalhe na imprensa da época e depois o assunto foi esquecido; este tipo de situações ajuda-nos a perceber o que era e não era aceite como manifestação de luto no final do século XIX e a ter uma ideia mais real de como era a vivência no cemitério.

4. Dada a carga negativa com que se encara a morte na cultura judaico-cristã, tem encontrado empecilhos à sua actividade científica (dificuldades de acesso ao património cemiterial, entraves ao financiamento, questões de comités de ética...)? Se sim, quais? E como se justificam?

A minha investigação trata especialmente com informação histórica e estende-se, mais ou menos, até 1945, o que permite ter alguma distância da actualidade, pelo que o acesso à informação nesta área faz-se como em todas as outras; as maiores dificuldades são colocadas por interpretações curiosas da nova lei de protecção de dados. Felizmente, muita da informação útil está disponível online: periódicos dos séculos XIX e XX que se encontram digitalizados, registos de propriedade em arquivos municipais, fotografias antigas, *Anuários Comerciais*, etc.

Na minha experiência, onde têm surgido maiores dificuldades é no trabalho de campo e, por vezes, acontece em locais onde menos esperamos. Um dos cemitérios em que tive mais dificuldade em fotografar foi o Cemitério Não-Católico de Roma, em 2017. Tinha enviado um pedido de autorização prévio, antes de viajar, para o qual não obtive resposta. Quando cheguei ao cemitério dirigi-me à Secretaria e disseram-me, simplesmente, que não estava autorizada. Não foi fácil, mas acabaram por autorizar a captação de imagem com um conjunto de regras quase impraticáveis; acabou por correr tudo bem, mas perdi uma manhã de trabalho.

5. A morte é vista como um assunto tabu na sociedade portuguesa. Considera que outras sociedades têm a mesma visão da morte? Em que diferem?

Cada cultura lida com a morte de forma diferente, de acordo com as suas crenças e valores, mas mesmo entre sociedades muito próximas ou até dentro do mesmo país temos diferenças significativas. É difícil falar da visão da sociedade portuguesa: até entre os meios urbanos e rurais se trata o tema de forma diferente e a proximidade da morte é diferente. Do meu ponto de vista, mais do que a forma de encarar a morte, é a forma de encarar a vida que cria estas diferenças: o que se faz no contexto fúnebre é um reflexo da forma como se vive a vida.

Os cemitérios são um excelente espelho disso mesmo. Dou o exemplo clássico do cemitério irlandês de Glasnevin, em Dublin, de matriz católica, que inclui um café-restaurant com esplanada junto das sepulturas. Isto em Portugal seria impensável, culturalmente inadmissível.

Estamos afastados da morte porque esta é desagradável, porque nos apresenta limites. A maioria das sociedades ocidentais não quer lidar com a morte.

Invertemos os valores do século XIX: tornámos a morte em tabu e falamos livremente de sexo quando para eles o sexo era *taboo* e a morte um assunto aberto. Nem sequer conseguimos lidar com a proximidade da morte: os mais velhos acabam internados em clínicas ou lares de idosos e morrem sozinhos, depois são velados em salas anexas a igrejas ou em tanatórios e são rapidamente cremados ou inumados. Não era assim que se passava há algumas décadas: morria-se em casa, era-se velado em casa, sai-se de casa para o cemitério e a sepultura era local de peregrinação amiúde. Isto não é melhor ou pior do que o que temos hoje, é diferente.

6. As sepulturas tradicionais acarretam problemas ecológicos? Se sim, de um ponto de vista económico, social e cultural, quão difícil seria adotar modos de enterro mais sustentáveis?

Em Portugal esta questão não tem o peso que tem noutros países: aqui faz-se maioritariamente enterramento temporário e os corpos raramente são embalsamados. A prática de enterramento temporário implica que os corpos são inumados por períodos de 3 a 5 anos e, findo esse tempo, as sepulturas são abertas e as ossadas retiradas, assim como elementos que não se tenham decomposto (tecidos, madeira, etc.). Considerando também as preocupações que existem relativamente aos vernizes e outros químicos usados no tratamento das madeiras dos caixões, os nossos enterros são até bastante verdes, especialmente se comparados com os enterramentos noutros locais, como nos Estado Unidos da América, local onde surgiu esta preocupação devido às suas práticas fúnebres. Desde a Guerra da Secessão (1861–1865) que o embalsamento dos corpos se tornou uma prática corrente na sociedade americana, sendo que grande parte da população chega mesmo a pensar que é obrigatório, o que é bastante simpático com a indústria funerária, considerando o preço deste tipo de funerais. O processo de embalsamento passa por substituir fluídos corporais por líquido de embalsamento que, entre outras coisas, pode incluir metanol, formol e glicerina, resultando numa mistura tóxica que, em caso de um vazamento, pode contaminar solos e lençóis freáticos em redor. Os corpos são depois fechados em caixões com metal, madeiras sólidas pintadas ou envernizadas, fibra de vidro ou outros materiais resistentes. Também as sepulturas são perpétuas — não é feito o levantamento de ossadas — e, em alguns casos, com construções de alvenaria, o que implica sempre a necessidade de mais e mais espaço. Recomendo, para quem tiver interesse neste tema, a autora Caitlin Doughty cujos livros, vídeos

e, em especial, a sua associação *The Order of the Good Death*, procura divulgar estas questões e promover a *Boa Morte*.

7. O que nos pode dizer acerca do simbolismo da flora no contexto cemiterial?

A simbologia é um elemento muito interessante — e que suscita muito interesse — no contexto cemiterial. A simbologia da fauna e da flora é muito rica e, no caso português, bastante diversificada.

A Câmara Municipal de Lisboa inaugurou, em 2020, uma exposição — que acabou também por se materializar em livro, que já conta com duas edições — que identificou espécies botânicas que se encontram esculpidas ou gravadas nas pedras dos jazigos de Lisboa. Criou-se uma equipa multidisciplinar, em que eu participei na área da Simbologia Fúnebre e a Prof.^a Sandra Mesquita na área da Botânica, e foi possível identificar 42 espécies distintas. Depois de identificadas, essas espécies foram trabalhadas do ponto de vista simbólico, tendo sempre em consideração o seu contexto: europeu, português, cemiterial, maioritariamente cristão e, cronologicamente, do século XIX e primeiro quartel do século XX. Este contexto, como em todos os processos de leitura simbólica, é essencial para reconhecer quais as fontes de inspiração para essa leitura que, neste caso, são a Bíblia e as lendas cristãs e, claro, a cultura clássica, especialmente a mitologia.

Procurámos, por isso, materiais coevos que nos permitissem evitar atribuir significados contemporâneos a escolhas que os antecedem (veja-se o exemplo do cravo que, em Portugal, mudou de significado em 1974) e tivemos a felicidade de encontrar muito material sobre este tema, incluindo português: o *Diccionario de Linguagem das Flores*, uma fantástica publicação de 1867, disponível na Biblioteca Nacional. Sabemos que esse livro foi extremamente popular, tendo esgotado três edições em dois anos, numa época em que a população portuguesa tinha taxa de

analfabetismo na ordem de 70%. As pessoas, de facto, conheciam a linguagem das flores e sabiam o significado de cada uma delas: um pouco como os emojis de hoje. Não é por acaso que nas descrições dos funerais do século XIX as coroas incluíam quase sempre saudades (cujo significado é mesmo esse, saudade) e violetas (que representam lágrimas).

A exposição bilingue *Flores de Pedra/ Flowers of Stone* — e o livro homónimo — ainda está disponível para visitar na capela do Cemitério dos Prazeres e acrescenta uma camada às visitas a cemitérios, uma vez que, com os cuidados necessários da mudança de contexto, a leitura simbólica apresentada é aplicável a todos os cemitérios ocidentais deste período.



Fig. 1 — Uma página do *Diccionario da Linguagem das Flores* onde está representada a Saudade.

Diccionario da Linguagem das Flores: ornado com estampas coloridas. — Terceira edição. — Lisboa: Typographia Lusitana..., 1868. Fonte: site da Biblioteca Nacional de Portugal.

8. Como é que acha que as novas tecnologias, nomeadamente as redes sociais, têm influenciado a relação das pessoas com a morte, principalmente no que concerne aos rituais da morte?

Talvez a divulgação dos óbitos seja feita agora também via redes sociais, mas nesse aspecto, a alteração do meio não alterou o conteúdo. A maior diferença talvez seja na possibilidade de serem criadas páginas memoriais onde as pessoas escrevem mensagens, deixam velas e flores virtuais. Também temos de ter em atenção que as redes sociais estão cheias de pessoas que já faleceram. Quantos de nós continuam a receber notificações do Facebook com o aniversário de amigos e familiares que, infelizmente, já não estão entre nós? Claro que é possível definir um herdeiro das nossas contas em redes sociais, mas o processo de herança é complexo: é necessário apresentar um certificado de óbito para que as contas sejam convertidas em memoriais.

Há algum tempo atrás a *MIT Technology Review* publicou um artigo sobre a criação de clones digitais de pessoas falecidas para ajudar no processo de luto de quem fica, recorrendo à Inteligência Artificial. Não sei se o caminho vai ser esse, mas é uma possibilidade que está a ser trabalhada.

9. De que formas pode a sociedade portuguesa mudar a forma como encara a morte?

Temos de falar mais sobre a morte. Temos de voltar a encarar como uma etapa natural e falar sobre isso.

Na primeira década do século XXI criou-se o conceito do *Death Cafe*: um encontro de pessoas em torno de café, chá e bolos, com apoio de um moderador, para falar precisamente sobre a morte. Com a ajuda da internet, este conceito tem-se popularizado imenso por toda a parte e até já se fizeram algumas experiências por cá. Acho que temos de voltar a apostar neste modelo e ter *Death Cafes* a funcionar de forma regular, quase como um Clube de Leitura, por exemplo.

Precisamos de desbloquear o assunto e levar as pessoas a lidar melhor



Fig. 2 — Esplanada de um café/restaurante em Glasnevin, junto de túmulos. Fotografia de Gisela Monteiro.

com este tema porque fazer de conta que a morte não existe acaba por ter resultados muito negativos.

10. Que importância desempenham o cemitério e os rituais da morte no processo do luto?

O cemitério também pode ser encarado como um espaço de conclusão, de fecho de ciclo. Quando não falamos da morte, quando não a vemos, não acompanhamos os nossos entes queridos nesse momento final, pode haver uma sensação de dependência, de incompletude, como se a pessoa não tivesse realmente morrido, impactando o processo de luto.

Fizeram-se já vários estudos sobre o impacto das restrições que a pandemia de COVID-19 colocou nos funerais e velórios, fazendo com que os familiares não pudessem ver as vítimas ou acompanhar funerais. É um fenómeno ainda em estudo, mas a despedida é uma etapa muito importante no processo de um luto saudável e os cemitérios podem ajudar nesse processo.